



NARRATIVAS MIDIÁTICAS EM DISPUTA: INFORMAÇÃO E CONTRAINFORMAÇÃO POLÍTICA NO CASO CLAUDIA SILVA FERREIRA

Dulcilei Conceição Lima*
Luana Hanaê Gabriel Homma**
Paulo Roberto Elias Souza***
Claudio Luis Camargo Penteado****

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a disputa pela narrativa midiática em torno do caso Claudia Silva Ferreira por meio da produção de contrainformação política de *blogs* para confrontar as informações produzidas por veículos da mídia tradicional. Em março de 2014, uma mulher negra foi arrastada por uma viatura policial pelas ruas do Rio de Janeiro, e as principais informações afirmavam se tratar de uma mulher envolvida com o tráfico de drogas na zona oeste da capital fluminense, versão contestada por textos em *blogs* feministas e de direitos humanos. Por meio da aplicação da metodologia de pesquisa em *blogs* de política e enquadramento, desenvolveu-se a análise dos conteúdos da mídia tradicional e dos *blogs* feministas e veículos alternativos. Os resultados indicam que, por meio da luta simbólica, os *blogs* feministas desenvolveram, por mensagens majoritariamente opinativas, contrainformação política, o que resultou em uma narrativa distinta daquela apresentada pelas informações dos veículos da mídia tradicional.

Palavras-chave: Blogueiras feministas. Caso Claudia Silva Ferreira. Contrainformação política. *Blog*. Feminismo.

* Doutoranda em Ciências Humanas e Sociais na Universidade Federal do ABC (UFABC). Mestre em Educação, Arte e História da Cultura Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Bacharel em História Pela Universidade de São Paulo (USP). *E-mail:* dulcilima78@gmail.com

** Doutoranda em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Pesquisadora do Laboratório de Tecnologias Livres da UFABC. *E-mail:* luanaanahommaaa@gmail.com

*** Doutorando em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Pesquisador do Laboratório de Tecnologias Livres da UFABC. *E-mail:* paulorobertosouza@ymail.com

**** Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor no Programa de Pós-graduação em Ciências humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC (UFABC). Pesquisador do Laboratório de Tecnologias Livres da UFABC e do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC/SP. *E-mail:* claudiopenteado@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em 17 de março de 2014, o jornal *Extra*, do Grupo Globo, divulgou um vídeo amador no qual uma viatura policial em movimento, com o porta-malas aberto, tem a ele preso o corpo de uma mulher negra sendo arrastado pelo asfalto. O episódio, que ocorreu na manhã do dia anterior na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, logo foi noticiado em vários veículos de comunicação em que quase sempre se referiam à vítima, Claudia Silva Ferreira, como "a arrastada" ou "mulher arrastada". No dia seguinte à divulgação do vídeo, *sites*, *blogs* e páginas ligados aos direitos humanos e à discussão racial e de gênero passaram a disputar a narrativa do episódio ao publicarem notas e textos dando ênfase ao nome e à biografia de Claudia, denunciando a violência policial e a violência simbólica reproduzida pela mídia hegemônica.

Em *blogs*, como *Blogueiras Feministas*, *Femmaterna* e *Blogueiras Negras*, e outros veículos da mídia alternativa, como os *sites* *Global Voices* e *Vice*, questionou-se o uso recorrente do termo "arrastada" em detrimento do nome de Claudia Ferreira e de outros elementos pessoais que favorecessem a empatia e a compreensão de que aquela vida tinha valor.

De modo geral, movimentos identitários desenvolvem inicialmente lutas por reconhecimento, seja por amor, direitos e solidariedade, como defende Axel Honneth (2003). A partir do momento em que um ou mais desses direitos não são respeitados, a tendência é que se desenvolvam lutas sociais.

No caso da situação da população negra brasileira, a falta de reconhecimento fica evidente em diversos âmbitos da sociedade; no caso da mulher negra, a situação é ainda mais latente, com a presença desse estrato social frequentemente entre os grupos mais vulneráveis. No caso brasileiro, são problemas transversais que envolvem raça, gênero e classe social.

Os estereótipos são comumente utilizados na grande mídia em referência a indivíduos de grupos socialmente vulneráveis e denotam grandes desigualdades de poder. Essa estereotipagem compõe um conjunto de estratégias que visam à "manutenção da ordem social e simbólica" (HALL, 2016, p. 192). Hall (2016) recorre à noção de poder simbólico para definir a estereotipagem e as práticas de representação como elementos executores de violência simbólica.

Os grupos socialmente hegemônicos são os que detêm o poder de "marcar, atribuir e classificar". Assim, o padrão referencial da norma é definido a partir do próprio fenótipo, modos de vida, valores e crenças. Tudo o que existe fora dessa delimitação é enviado para um "exílio simbólico" (HALL, 2016).

Judith Butler (2015) argumenta que na vida contemporânea nem todo indivíduo goza do *status* de sujeito. Corroborar tal afirmação a partir de sua análise sobre vidas enlutáveis e não enlutáveis. A filósofa defende que grupos sociais subalternizados frequentemente não têm suas vidas "qualificadas como vidas" de acordo com os parâmetros definidos pelos grupos hegemônicos. Tais indivíduos não correspondem ao conjunto de normas que produz sujeitos

reconhecíveis. Ainda que se apreenda como viva, "nem sempre é reconhecida como uma vida" (BUTLER, 2015, p. 22).

Uma vida enlutável, que terá sua perda lamentada e, portanto, será protegida e cuidada, é, necessariamente, aquela que foi reconhecida como "vida". Os grupos sociais simbolicamente exilados – conforme Hall (2016) –, os mesmos que estão à margem do poder político e econômico, não atendem às normas para serem qualificados como "vidas". Dessa forma, as vidas perdidas "não são objeto de lamentação, uma vez que, na lógica distorcida que racionaliza sua morte, a perda dessas populações é considerada necessária para proteger a vida dos vivos" (BUTLER, 2015, p. 53, grifo do autor).

Ainda na perspectiva de Butler (2015), sociedades racializadas produzem populações cujas vidas são enlutáveis e populações cujas vidas são consideradas "destrutíveis" e "não passíveis de luto", essas últimas podem ser sacrificadas, pois, na lógica do pensamento hegemônico, representam ameaças a um determinado modo de vida. A filósofa atribui à "distribuição diferencial da condição de ser passível de luto" (BUTLER, 2015, p. 45) a comoção ou indiferença pública diante de casos como o de Claudia Silva Ferreira. Pelos meios de comunicação, essas narrativas discursivas se hegemonomizam.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar no "caso Claudia Silva Ferreira", a forma como as redes de blogueiras feministas e de veículos alternativos buscaram produzir contrainformações políticas que confrontassem as narrativas hegemônicas veiculadas pela mídia tradicional.

A partir da comparação entre os casos de Claudia e João Hélio (menino de 6 anos morto ao ser arrastado por assaltantes que levaram o veículo da família), foram apontadas pelas blogueiras diferenças de classe e raça como determinantes no modo como a mídia tradicional¹ tratou as duas mortes. Esses elementos foram centrais na produção de textos e campanhas promovidas nas redes a fim de alterar a perspectiva do caso Claudia, no intuito de fazer com que fosse reconhecida como vítima de uma polícia que violenta a população negra e pobre e não como provável suspeita de envolvimento com o tráfico de drogas e que fora abatida em ação policial (narrativa comum na mídia hegemônica sobre negros, pobres e moradores de favelas e periferias).

Para tanto, foram analisadas as notícias em veículos da mídia tradicional nos dias subsequentes ao acontecimento do caso, juntamente com os *blogs* e *sites* da mídia alternativa a partir da metodologia de análise de *blogs* de política.

Assim, este artigo está dividido em mais duas partes, além desta introdução e das considerações finais. Na parte seguinte, apresentam-se a importância dos *blogs* e de redes alternativas de blogueiros no debate político cotidiano, a definição de contrainformação política e a emergência de novas redes identitárias que estabelecem lutas simbólicas particulares em

1 - Neste trabalho, mídia tradicional é todo o meio de comunicação comercial ligado aos grandes grupos, tais como Grupo Globo, Grupo Record, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* etc., independentemente da plataforma. Em seus textos, as blogueiras e autoras dos veículos alternativos denominam esses grupos de "grande mídia".

relação à mídia tradicional. Na sequência, na seção do estudo de caso, indicam-se a metodologia e toda a luta simbólica de informação e contrainformação no caso Claudia Silva Ferreira, primeiro com a apresentação da narrativa tradicional, seguida da análise da contrainformação construída pelos *blogs* e *sites* de notícias alternativas. Por fim, apontam-se as conclusões decorrentes da pesquisa apresentada neste trabalho acerca do contexto da narrativa predominante na mídia tradicional em relação a casos de violência envolvendo a população periférica no Brasil, especialmente a negra.

LUTAS SIMBÓLICAS NA INTERNET: INFORMAÇÃO E CONTRAINFORMAÇÃO POLÍTICA POR MEIO DE *BLOGS*

Como ferramenta de comunicação política, os *blogs* ganharam importância no Brasil a partir da crise política nacional que se arrastou de 2005 até as eleições presidenciais em 2006. Na ocasião, as grandes empresas de mídia passaram a criar *blogs* nos quais jornalistas e colunistas consagrados nesses meios passaram a publicar textos mais opinativos e com informações de "bastidores", além de interagirem com o público, o que acabou por gerar um tipo de conteúdo mais pessoal e privilegiado (ALDÉ; ESCOBAR; CHAGAS, 2007). Contudo, o baixo custo, a facilidade de uso e a liberdade de autoria, sem necessidade de submissão ao filtro dos *gatekeepers* das empresas jornalísticas, abriram espaço para a emergência de novas mídias alternativas formadas por jornalistas e ativistas políticos de diversos grupos da sociedade civil.

Assim, em diversos momentos da política nacional contemporânea, *blogs* e redes de blogueiros desempenharam importante papel na luta simbólica não somente contra agentes da mídia tradicional, mas também contra agentes antagônicos que mantêm *blogs* e/ou *sites* autônomos de informação.

Passada a febre dos *blogs* de política, algumas redes se estabeleceram e mantiveram as atividades na rede e em rede de forma colaborativa. Neste trabalho, compreendem-se *blogs* de política como

[...] aqueles que disponibilizam em suas páginas eletrônicas mensagens sobre assuntos políticos, podendo ser informações, debates, comunicações ou formas de ativismo. Assim, os blogs de política compreendem boa parte da blogosfera, que envolve jornalistas políticos, ativistas, acadêmicos, candidatos a cargos públicos e pessoas de forma geral com interesse em política (SANTOS; PENTEADO; ARAUJO, 2009, p. 164).

Nesse sentido, os objetivos e interesses políticos que incidem sobre a forma de uso de *blogs* são variados e de acordo com os interesses das agentes envolvidas, como as feministas que mantêm os *blogs* analisados neste trabalho. Dentro de um contexto de fortalecimento

das lutas políticas identitárias, é comum encontrar na rede blogosfera as mesmas características. Um exemplo mais conhecido e consolidado é o dos "Blogueiros progressistas", formado principalmente por jornalistas e ativistas que desenvolvem lutas simbólicas contra a mídia tradicional, especialmente em casos de escândalos políticos midiáticos que se intensificam em períodos eleitorais (SOUZA, 2013).

Ao longo da década de 1990, os feminismos latino-americanos expandiram seu campo de ação abarcando novas arenas culturais, sociais e políticas, atingindo uma ampla diversidade de classes e movimentos sociais (MATOS, 2010). Nesse contexto, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) foram incorporadas como ferramentas estratégicas e fundamentais para atuação desses novos feminismos.

A internet facilitou a criação e consolidação de redes entre coletivos e organizações feministas, permitiu o surgimento de novos grupos e colaborou com o desenvolvimento de novas estratégias e áreas de atuação, impulsionando o processo de popularização dos feminismos. Naquele momento, sob o desígnio de ciberfeminismo, os coletivos mobilizavam um conjunto de estratégias que articulavam estética, política e comunicação utilizando a tecnologia digital e a internet como ferramentas para emancipação e empoderamento das mulheres (ALVAREZ, 2014; FERREIRA, 2015; LEMOS, 2009; NATANSOHN, 2013).

Trata-se aqui de uma compreensão de que as plataformas e ferramentas digitais possibilitaram que agentes subalternos ou marginalizados estabelecessem redes de contrapoder para além do poder institucional em seu sentido weberiano, para os mais diversos campos sociais estruturados e estruturantes nos quais o poder está distribuído de forma desigual e assimétrica, mas ainda com possibilidade de estabelecimento de redes de resistência em um sentido mais foucaultiano (CASTELLS, 2016).

As disputas simbólicas ultrapassaram a estrutura dos *blogs* e adentraram as redes sociais, especialmente o Facebook, onde tanto a mídia tradicional e seus principais jornalistas quanto blogueiros e blogueiras passaram não apenas a publicar seus trabalhos, mas também a estabelecer debates com um público mais amplo. No entanto, há disputa pelo capital social e pela construção de narrativas sobre diversos fatos políticos e/ou politizados.

Desde meados da primeira década dos anos 2000, as redes sociais tornaram-se um importante espaço de lutas simbólicas. Se, em um primeiro momento, jornalistas foram os principais apropriadores e difusores da mídia alternativa por meio de *blogs*, há alguns anos ativistas sociais passaram a se apropriar da ferramenta para produzir conteúdo informativo, especialmente político.

Esse movimento serve ao mesmo tempo para a constituição e manutenção de canais alternativos aos grandes meios de comunicação tradicional, por um lado, e para a emergência de novos meios alternativos, por outro. Desde então, diversas foram as ocasiões em que *blogs* independentes da grande mídia contribuíram para a leitura de determinado caso a partir da produção de contrainformação política compreendida como

[...] um conteúdo simbólico produzido por agentes e grupos sociais que buscam desmascarar, questionar ou dar uma nova abordagem a determinado fato político veiculado por outro grupo (geralmente hegemônico) tal como a mídia tradicional, governos, partidos políticos e grupos organizados (SOUZA, 2013, p. 47).

No contexto dos *blogs*, os jornalistas concentraram essa produção de contrainformação especialmente em decorrência do capital social acumulado que tende sempre a ganhar maior legitimidade (SOUZA, 2013). Entretanto, em grupos identitários, essa produção não se restringe apenas a profissionais, mas também a ativistas e lideranças políticas que possuem grande capacidade de ganhar legitimidade.

Nesse sentido, é possível afirmar que, com o fortalecimento e a emergência de mídias alternativas identitárias, há um aumento na quantidade e uma diversificação dos e das agentes com capacidade de serem lidos, vistos e ouvidos, ainda que inevitavelmente dependentes do acúmulo de capital social como legitimador discursivo.

Dadas as possibilidades de comunicação das redes sociais e da internet, e em razão da necessidade de reconhecimento e ampliação da visibilidade de suas bandeiras e da urgência em denunciar as violências cotidianas contra indivíduos de grupos subalternos, como as mulheres negras, e combater as narrativas estigmatizadas e impessoais produzidas pela mídia tradicional, por meio de notícias ou de conteúdo de entretenimento – como novelas, séries e filmes –, emergem as redes de blogueiras aqui abordadas e que serão discutidas a seguir no estudo do caso Cláudia Silva Ferreira.

O CASO CLAUDIA SILVA FERREIRA: METODOLOGIA, INFORMAÇÃO E CONTRAINFORMAÇÃO

A metodologia utilizada foi composta pelo referencial teórico já apresentado e pela metodologia de análise de *blogs* de política (SANTOS; PENTEADO; ARAUJO, 2009), dividida em duas etapas.

Na primeira etapa, analisaram-se os *blogs* individualmente: 1. histórico e descrição; 2. classificação; 3. análise da estrutura; e 4. análise dos conteúdos das mensagens.

Na segunda etapa, as mensagens foram analisadas a partir das categorias de enquadramento da mídia (tradicional e das blogueiras):

O enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN, 1994 apud PORTO, 2004, p. 82).

Com base no conceito, buscou-se entender os enquadramentos a partir das seguintes categorias: 1. informativa, em que o emissor da mensagem busca unicamente informar com informações próprias (direta) ou com informações recebidas de terceiros (indireta); 2. opinativa, quando o blogueiro argumenta se posicionando acerca do fato noticiado; 3. avaliativa crítica, em que se analisam argumentos, levantam-se hipóteses e recuperam-se informações por meio da reflexão; 4. irônica, quando o ponto de vista é revelado por meio de recursos irônicos; 5. posicionamento político, cuja mensagem o revela; 6. propositiva, quando o autor busca encontrar e propor soluções, sem necessariamente apresentar caminho para tal; 7. avaliativa moral, isto é, julgamento da moral de algum sujeito em questão (SANTOS; PENTEADO; ARAUJO, 2009).

Para este artigo, foi utilizado o período compreendido entre 17 de março de 2014 – data da divulgação do vídeo pelo jornal *Extra* – e 4 de abril de 2014 – data da publicação do texto “Claudia da Silva Ferreira não será esquecida” no Blogueiras Negras. Analisaram-se sete reportagens dos seguintes veículos da mídia tradicional: Portal de notícias G1, *Extra* e o *Jornal Nacional* da Rede Globo de televisão, veículos ligados a grandes grupos de comunicação do Brasil. Como contraponto, foram analisadas nove postagens de contrainformação política, que buscavam responder diretamente à determinada informação disseminada pelo veículo da mídia tradicional. As publicações analisadas são tanto de blogueiras feministas (Femmaterna, Blogueiras Negras e Blogueiras Feministas) quanto de outros *blogs* e *sites* de mídia alternativa.

O material analisado da grande mídia é composto por textos, vídeos e fotografias que contribuíram para a construção da narrativa. Dos *blogs* citados, foram analisadas as publicações que questionaram e/ou analisaram de forma crítica as mensagens da mídia tradicional.

Informação: “a mulher arrastada”

Os veículos da mídia tradicional que cobriram e geraram a contrainformação produzida pelos *blogs* sobre o “caso Claudia Silva Ferreira” foram majoritariamente do Grupo Globo: o jornal *Extra*, primeiro a informar o caso, e o portal G1, em que o caso apareceu mais vezes. Dentre outros meios, no período subsequente ao caso, apenas o jornal *Folha de S.Paulo* e o portal Terra produziram informação sobre o caso.

O primeiro meio a noticiar, como citado anteriormente, foi o portal do jornal *Extra* do Rio de Janeiro: “Viatura da PM arrasta mulher por rua da Zona Norte do Rio. Veja o vídeo”.

Desde a primeira notícia, no dia 17 de março, o enquadramento predominante produzido pela mídia tradicional foi de informativo direto e/ou indireto (85,7% e 71,4%), respectivamente. Houve pouca avaliação crítica ou opinativa nessas informações; em ambos os casos, verificou-se esse aspecto somente em uma notícia cada uma.

No entanto, para além da normatividade do enquadramento, a predominância da impessoalidade na narrativa do que foi produzido pela mídia tradicional é que desencadeia as contrainformações produzidas pela mídia alternativa, especialmente nos blogs. Foi exatamente essa postura, que não é necessariamente um padrão em casos de violência no Rio de Janeiro, que gerou a luta simbólica para desenvolver outras narrativas mais pessoalizadas, com nome e sobrenome da vítima.

Em nenhum título das reportagens analisadas da mídia tradicional, foi citado o nome de Ferreira. Somente a matéria do G1, atualizada em 19 de março de 2014, traz o nome dela no subtítulo e logo no início do texto.

A última reportagem, do portal Terra, que cobriu uma manifestação de parentes, amigos e vizinhos da vítima, mantém a impessoalidade predominante nas anteriores e conclui a narrativa a partir do seguinte título: "Morte de mulher arrastada pela PM gera revolta no RJ".

Qualitativamente, é possível sistematizar a informação produzida pela mídia tradicional com base nos seguintes tópicos:

- Os títulos das matérias se referem a Claudia como "mulher arrastada" e "arrastada".
- Todas informam que uma mulher foi arrastada por uma viatura da Polícia Militar (PM) na manhã de domingo após seu corpo cair do porta-malas e ficar preso ao carro pela roupa. A cena foi registrada por um cinegrafista amador.
- Todas informam o nome de Ferreira no texto, e outros dados pessoais, como idade e profissão, variam de um veículo para outro. As primeiras notícias relatam todo o caso antes de revelar o nome da vítima, e as últimas já trazem o nome logo no início do texto.
- As matérias relatam que Claudia estava sendo socorrida após ser baleada durante uma troca de tiros entre policiais e traficantes.
- Afirmam que os policiais encontraram a vítima baleada e a socorreram, não teriam responsabilidade pela sua morte, apenas pelo manejo do corpo.
- Informam que a cena causou indignação das testemunhas e de familiares.
- Familiares e amigos acusam os policiais de matarem Claudia Ferreira por acreditar que ela tivesse envolvimento com o tráfico de drogas.
- São fornecidas informações acerca dos procedimentos de investigação, como a prisão dos policiais e os nomes deles.
- A violência policial é mencionada apenas na matéria do *Jornal Nacional*.

Contrainformação: Claudia Silva Ferreira

Blogs e sites alternativos

A contrainformação foi produzida exclusivamente por *blogs* feministas e *sites* de mídia alternativa na internet. Os veículos de comunicação envolvidos na construção da narrativa

alternativa foram Blogueiras Feministas², Blogueiras Negras³, De Olhos Arregaladamente Fechados⁴, Vice⁵, Jornalismo B⁶, Global Voices⁷ e Femmaterna⁸.

Desenvolvimento e análise da contrainformação

O primeiro texto abordando o caso em um veículo alternativo foi publicado em 18 de março, nos Blogueiras Feministas, sob o título "Claudia Silva Ferreira, 38 anos, auxiliar de limpeza, morta arrastada por carro da PM". E se contrapondo à impessoalidade da mídia tradicional, carrega no título o nome completo de Claudia, a idade e a profissão antes de explorar o fato de que ela foi "a mulher arrastada" por policiais militares.

Assim, pode-se observar que, a partir das notícias veiculadas pela mídia tradicional, os *blogs* geraram contrainformação com posicionamento político evidente em 66,7% das publicações, bem como com teor opinativo e avaliativo moral e crítico. Dessa forma, não deixam de ser informativos, mas, de forma crítica, explicitando a impessoalidade da mídia tradicional, trazem outras informações acerca de Claudia Ferreira.

Figura 1 Charge sobre o caso Claudia Silva Ferreira



Fonte: Jornalismo B. Disponível em: <http://jornalismob.com/2014/03/20/charge-a-mulher-arrastada/>.
Acesso em: 22 set. 2017.

2 - Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/>. Acesso em: 21 set. 2017.

3 - Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/>. Acesso em: 21 set. 2017.

4 - Disponível em: <https://deolhosarregaladamentefechados.wordpress.com/>. Acesso em: 21 set. 2017.

5 - Disponível em: https://www.vice.com/pt_br. Acesso em: 21 set. 2017.

6 - Disponível em: <http://jornalismob.com/>. Acesso em: 22 set. 2017.

7 - Disponível em: <https://pt.globalvoices.org/>. Acesso em: 22 set. 2017.

8 - Disponível em: <https://femmaterna.com.br/>. Acesso em: 22 set. 2017.

A principal imagem utilizada pelos meios alternativos foi do registro geral (RG) de Ferreira com o objetivo de pessoalizar a vítima. De modo geral, esse recurso utilizou majoritariamente as imagens de forma ilustrativa em dois terços das postagens e algumas críticas na metade delas.

Uma charge de Rafael Balbuena foi utilizada pelo Jornalismo B para ilustrar o descaso da mídia tradicional com Ferreira.

Sistematicamente, a contrainformação produzida pelas blogueiras e por outras mídias alternativas, nas nove publicações analisadas, foi:

- Cinco textos trazem o nome de Claudia Silva Ferreira no título.
- O primeiro texto publicado em resposta à grande mídia traz o nome de Claudia, a idade e a profissão no título.
- Três textos trazem a imagem do seu RG logo abaixo do título.
- Dados pessoais de Claudia, como filhos e apelido, são mencionados logo no início do texto.
- Informações acerca da sua condição de vida são mencionadas.
- Apresenta relatos de amigos, familiares e moradores que presenciaram o ocorrido.
- Racismo e desigualdade social são apontados como questões relevantes nesse caso.
- Menção ao descaso e à responsabilidade da sociedade na precariedade vivida pela população negra e nos casos de mortes violentas.
- Atribuição de culpa ao Estado tanto pela promoção da violência policial quanto pela perpetuação das péssimas condições de vida da população nas comunidades.
- Crítica e indignação quanto à forma como a grande mídia abordou o assunto, especialmente quanto ao uso do termo "arrastada", à divulgação do vídeo e à atenuação da responsabilidade dos policiais na morte de Claudia.
- Crítica à violência policial especialmente direcionada a negros e pobres.
- Crítica à tentativa dos policiais de incriminar Claudia afirmando que ela portava armas de fogo.
- Referência ao caso João Hélio e Santiago Andrade por causa da comoção gerada.
- Referência a outros casos em que moradores de regiões pobres foram vitimados pela polícia, como Amarildo.
- Questionamento em relação ao descaso com a morte de Claudia.
- Informação acerca da prisão e soltura dos policiais e de outras acusações de homicídio que pesam sobre esses mesmos policiais.
- Crítica às Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs).
- Defesa da desmilitarização da PM.
- Questionamento em relação à política de combate às drogas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos dessa análise indicam que a mobilização feita pelos *blogs* feministas e de mídia alternativa possibilitou a contestação da narrativa de culpabilização que geralmente recai sobre indivíduos negros e pobres mortos em ação policial e ampliou significativamente o debate sobre o caso, rompendo com o padrão comum de invisibilidade ou indiferença em relação à violência sofrida por pessoas negras na sociedade brasileira. Foram perceptíveis ainda a busca pela restituição de humanidade a Claudia Ferreira e a defesa de sua vida como uma "vida enlutável", ou seja, uma vida que tinha importância.

O tratamento dado pela grande mídia ao assassinato de Ferreira reproduz uma conformação ideológica hegemônica de desqualificação da população negra. Nesse sentido, a análise deste trabalho converge para a assertiva de Hall (2016, p. 227) de que "persiste na imprensa popular a suspeita de que o crime de rua é exclusivamente um crime de negros". Na concepção de Sodré (2015, p. 278), a grande mídia constitui uma elite logotécnica, ou seja, "especializada na neorretórica elaborada do discurso público". Os profissionais da notícia, como um grupo técnico de imaginação, absorvem, reelaboram e retransmitem um imaginário coletivo racista compatível com a conformação ideológica das elites políticas, econômicas e culturais (SODRÉ, 2015). Soma-se a isso o caráter punitivista da sociedade brasileira que se volta quase sempre contra negros e pobres (MARTINS, 1995).

O quadro geral que se apresenta, tendo ainda em conta que os veículos noticiaram a morte de Ferreira como um revés do confronto entre policiais e traficantes, é o de uma vida não passível de luto, portanto não qualificável como geradora de comoção pública. O modo impessoal adotado pela grande mídia e o recurso à estereotipação, especialmente considerando que a "fabricação de imagens do outro é dependente da forma que o repórter decide sobre ele", são reveladores dessa concepção (BORGES; CARRANÇA, 2004, p. 98). Nesse sentido, é importante ressaltar que nenhum dos veículos da mídia tradicional fez menção ao nome de Claudia em suas chamadas nem produziu reportagens que favorecessem a empatia do público com a vítima. Destaca-se com mais frequência nessas matérias a afirmação da ausência de responsabilidade dos policiais na morte de Claudia.

As narrativas da mídia alternativa, por sua vez, realocam a figura de Claudia Ferreira e correspondem ao que Stuart Hall (2016) chama de "estratégias de transcodificação". Tais estratégias vêm sendo adotadas desde os anos 1960, "quando as questões de representação e poder adquiriram centralidade na política contra o racismo e em outros movimentos sociais" (HALL, 2016, p. 212). Consistem em disputar a representação racial, a partir da contestação dos estereótipos por meio da positivação da imagem, dos aspectos da vida e da cultura de pessoas negras.

Nota-se o protagonismo das blogueiras na produção da contrainformação. No entanto, outros *blogs* e meios alternativos contribuíram para a construção da narrativa alternativa,

uma conduta comum nesse ambiente de redes identitárias que estabelecem ações de solidariedade, especialmente em casos de violência contra indivíduos de minorias.

A contrainformação produzida foi importante para o reconhecimento da vítima em sua particularidade, na qualificação de sua vida como passível de luto, na apresentação de Claudia Silva Ferreira e na sua representação como mulher, negra e pobre que, por sua condição social, é praticamente desumanizada na narrativa da mídia hegemônica.

Uma questão importante que chama a atenção diz respeito à interatividade: ao contrário do grande momento da febre dos *blogs* de política, a quantidade de comentários é muito baixa nas páginas dos *blogs*. Certamente, o fator mais importante dessa situação é o fato de que a interatividade agora ocorre nas páginas que os *blogs* e as mídias alternativas mantêm nas redes sociais, especialmente no Facebook, e não mais no espaço de comentários do próprio *blog*, como anteriormente.

Apesar do alcance inevitavelmente restrito desses meios, muito em decorrência do perfil identitário, eles são inegavelmente importantes para as lutas simbólicas contestarem narrativas mais tradicionais que invisibilizam e silenciam a vivência de populações socialmente vulneráveis.

Grupos identitários têm feito uso regular das narrativas contra-hegemônicas por meio de *blogs* e redes sociais no intuito de gerar perspectivas próprias sobre suas experiências de vida, compartilhá-las e dar visibilidade a elas. A internet e suas possibilidades oferecem um espaço em que esses grupos podem manifestar sua contrariedade pelo modo como são comumente representados e contestar estereótipos e discursos que deformam e marcam negativamente mulheres, negros e demais grupos subalternizados.

Media narratives in dispute: information and political counter-information in the Claudia Silva Ferreira case

Abstract: The objective of this work is to analyze the dispute for the media narrative around the Claudia Silva Ferreira case through the production of political counterinformation of blogs to confront the information produced by traditional media vehicles. In March 2014, a black woman was dragged by a police car through the streets of Rio de Janeiro and the main information affirmed that she was a woman involved in drug trafficking in the west of the capital of Rio de Janeiro, a version contested by texts in feminist blogs and human rights. Through the application of the methodology of research in political blogs and framing, the analysis of traditional media content and feminist blogs and alternative vehicles was developed. The results indicate that through the symbolic struggle, feminist blogs developed through messages that were mostly opinionated political counterinformation that presented a narrative different from that presented by the information of traditional media vehicles.

Keywords: Feminist bloggers. Case of Claudia Silva Ferreira. Political counterinformation. Blog. Feminism.

REFERÊNCIAS

- "A MULHER arrastada" – corpos violentáveis e a naturalização da violência policial. Disponível em: <https://deolhosarregaladamentefechados.wordpress.com/2014/03/19/a-mulher-arrastada-corpos-violentaveis-e-a-naturalizacao-da-violencia-policial/>. Acesso em: 3 maio 2019.
- ALDÉ, A.; ESCOBAR, J.; CHAGAS, V. A febre dos *blogs* de política. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 33, p. 29-40, ago. 2007.
- ALVAREZ, S. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. *Cadernos Pagu*, n. 43, p. 13-56, jan./jun. 2014.
- ARRASTADA por carro da PM do Rio foi morta por tiro, diz atestado de óbito. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/arrastada-por-carro-da-pm-do-rio-foi-morta-por-tiro-diz-atestado.htm>. Acesso em: 3 maio 2019.
- BORGES, R.; CARRANÇA, F. (org.). *Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, 2004.
- BUTLER, J. *Quadros de guerra*. Quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CASTELLS, M. *O poder da comunicação*. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- CERTIDÃO de óbito da mulher arrastada em carro da PM indica morte por tiro. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/certidao-de-obito-da-mulher-arrastada-em-carro-da-pm-indica-morte-por-tiro/3222540/>. Acesso em: 3 maio 2019.
- CHARGE: A "mulher arrastada". Disponível em: <http://jornalismob.com/2014/03/20/charge-a-mulher-arrastada/>. Acesso em: 3 maio 2019.
- CLAUDIA Silva Ferreira: baleada, arrastada e morta pela PM. Até quando? Disponível em: <https://novofemmaterna.wordpress.com/2016/12/06/claudia-silva-ferreira-baleada-arrastada-e-morta-pela-pm-ate-quando/>. Acesso em: 20 maio 2019.
- DIAS, S. Até quando vai durar esse extermínio do povo preto, favelado e pobre? Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/03/19/extermínio-ao-povo-preto/>. Acesso em: 3 maio 2019.
- FERREIRA, C. B. C. Feminismos *web*: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. *Cadernos Pagu*, p. 199-228, n. 44, jan./jun. 2015.
- GARCIA, R. T. Claudia Silva Ferreira: morta em ação policial, tornada invisível pela mídia. Disponível em: <https://pt.globalvoices.org/2014/03/24/claudia-ferreira-da-silva-morta-em-acao-policial-tornada-invisivel-pela-midia/>. Acesso em: 3 maio 2019.

GOMES, C. M. Claudia Silva Ferreira, 38 anos, auxiliar de limpeza, morta arrastada por carro da PM. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2014/03/claudia-silva-ferreira-38-anos-auxiliar-de-limpeza-morta-arrastada-por-carro-da-pm/>. Acesso em: 3 maio 2019.

HALL, S. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Apicuri, 2016.

HONNETH, A. *Luta por reconhecimento*. São Paulo: Editora 34, 2003.

LEMOS, M. G. *Ciberfeminismo: Novos discursos do feminismo em redes eletrônicas*. 2009. Dissertação Mestrado em Comunicação e Semiótica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LOPES, D. A morte violenta de Claudia Silva Ferreira. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/vv475j/claudia-silva-ferreira. Acesso em: 3 maio 2019.

MARTINS, J. de S. As condições do estudo sociológico dos linchamentos no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 9, n. 25, p. 295-310, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n25/v9n25a22.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2017.

MATOS, M. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/06>. Acesso em: 13 out. 2016.

MEU pai não vai conseguir cuidar de todos", diz filho de arrastada por PMs. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/meu-pai-nao-vai-conseguir-cuidar-de-todos-diz-filho-de-arrastada-no-rio.html>. Acesso em: 3 maio 2019.

MORADORES fecham via após enterro de arrastada por carro da PM no Rio. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/transito/noticia/2014/03/manifestacao-interdita-trecho-da-avenida-ministro-edgard-romero.html>. Acesso em: 3 maio 2019.

MORTE de mulher arrastada pela PM gera revolta no RJ. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/brasil/morte-de-mulher-arrastada-pela-pm-gera-revolta-no-rj,ff412fc7571d-4410VgnVCM5000009cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 3 maio 2019.

MULHER arrastada por carro da PM foi morta por tiro, aponta laudo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/03/1427471-mulher-arrastada-por-carro-da-pm-foi-morta-por-tiro-aponta-laudo.shtml>. Acesso em: 3 maio 2019.

NATANSOHN, G. (org.). *Internet em código feminino: teorias e práticas*. Buenos Aires: La Crujía, 2013.

PORFÍRIO, G. A polícia bate, espanca, mata muito mais a minha cor do que a sua. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/03/20/a-policia-bate-espanca-mata-muito-mais-a-minha-cor-do-que-a-sua/>. Acesso em: 3 maio 2019.

PORTO, M. Agendamento da política. In: RUBIM, A. A. C. (org.). *Comunicação e política: conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba, 2004. p. 73-104.

ROSA, P. T. CLAUDIA da Silva Ferreira não será esquecida. Disponível em: blogueirasnegras.org/2014/04/04/claudia-da-silva-ferreira-nao-sera-esquecida/. Acesso em: 3 maio 2019.

SANTOS, M. B. P. dos; PENTEADO, C. L. de C.; ARAUJO, R. de P. A. Metodologia de pesquisa de *blogs* de política: análise das eleições presidenciais de 2006 e do movimento "cansei". *Revista Sociologia e Política*, v. 17, n. 34, p. 159-181, 2009.

SODRÉ, M. Claros e escuros: identidade, mídia e cotas no Brasil. 3. ed. Petrópolis: Vozes. 2015.

SOUZA, P. R. E. de. *Do blog sujo à coletiva do Planalto: um estudo de caso de contrainformação política através de blogs*. 2013. Dissertação Mestrado em Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal do ABC, Santo André, 2013.

VIATURA da PM arrasta mulher por rua da Zona Norte do Rio. Veja o vídeo. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/viatura-da-pm-arrasta-mulher-por-rua-da-zona-norte-do-rio-veja-video-11896179.html>. Acesso em: 3 maio 2019.

Recebido em novembro de 2018.

Aprovado em dezembro de 2018.